

NUNES PEREIRA, MORONGUETÁ. Um  
Decameron indígena. Rio de Janeiro  
Civilização Brasileira, 1967

2 vols.

MITO  
DE PERETÉ

(Contada por Dié)

UM CAÇADOR, chamado Pereté, gostava de uma môça  
Cauaiua.

E ela, contam, não gostava do caçador. Tinha um namorado  
com quem se deitava às escondidas, tôda noite.

Pereté pediu à môça para ser sua mulher.

Ela não quis.

Pereté, desgostoso, foi para o mato caçar.

Chegou a um poço de bichos e fêz um mutá.

Daí a pouco chegou uma Onça para beber água e viu nella o caçador trepado no mutá.

Perguntou-lhe:

— Êh, camarada! Que estás fazendo aí?

— Estou esperando porcos.

— Aqui não é o poço dos porcos. É das onças. Aqui nós bebemos. Desce. Vem falar comigo.

— Não. Tu queres me comer.

— Não! Eu não te comerei. Vem!

— Tu me comerás.

— Não! Vem cá...

— Se me comeres?

— Desce! Vem falar comigo que eu não te comerei.

Pereté desceu para falar com a Onça.

— Conta! Que estavas esperando? Diz a verdade!

— Estava esperando porcos. Sou Pereté — o caçador. Ando triste. Vim caçar, então.

— Por quê estás triste?

— Gosto muito de uma môça chamada Jataí e ela não gosta de mim. Pedi que fôsse minha mulher. Não quis. E tôda noite se deita com outro, às escondidas, mas eu sei...

A Onça disse:

— Vem comigo à minha casa.

— Ah, isso não. Tu queres me comer.

— Não. Não te comerei. Queres casar com minha filha?

— Quero.

— Então vem comigo.

Pereté foi com a Onça.

Chegando à casa a Onça chamou a filha e disse:

— Tu vais ser mulher dêste caçador.

— Sim, meu pai, disse sua filha.

Pereté dormiu com ela.

No outro dia a Onça disse:

— Pereté vai caçar hoje. Vai com êle. O que êle caçar tu me contas.

Pereté foi com sua mulher para o mato.

Chegaram perto de um ôco de pau.

— Espera aí, disse Pereté. Vou matar a Paca.

Preparou o arco e mandou a taquara na bicha.

A Paca saltou e foi embora.

Pereté disse à mulher:

— Vamos. Ali tem Cutia. Tu esperas e eu flecho a bicha. Pereté abriu o arco e mandou a taquara.

A Cutia saltou de lado e fugiu.

Pereté foi andando com a mulher.

Mais adiante chegou ao poço dos porcos.

— Espera aí, disse a Mulher-Onça. Vou pegar o Porco. Você errou duas vezes.

A Onça-Mulher matou o porco.

Pereté e a mulher levaram o porco para casa.

A Onça-Mulher disse ao pai:

— Pereté matou um porco.

Ela estava mentindo.

— Ah, matou?

O pai dela ficou muito contente.

Saltou. Pegou a cabeça e o queixo de Pereté entre as duas mãos e a apertou.

Êle ficou com cara de onça.

Tirou o caá de Pereté e o pôs fora com o seu membro de homem.

Soprou sôbre o corpo dêle.

Pereté virou onça. O coração dêle ficou cheio de ódio. E pensou logo em vingar-se.

Andou, andou, andou levando a mulher até a terra dos Cauaiua, onde morava a môça Jataí.

Essa môça ia encontrar-se todos os dias com Diuaát, namorado dela. Longe da maloca. Num tapiri.

Pereté e a Onça-Mulher foram no rastro dos dois e acabaram com êles.

Depois, todos os dias, quando um Cauaiua saía para fazer necessidades no mato, Pereté e a mulher o matavam.

Assim mataram muitos Cauaiua. Muitos.

Os Cauaiua chamavam as duas onças *Iaguáporóguab*.

Os chefes disseram:

— Vamos fugir daqui. As onças acabam com a nossa gente. Vamos fugir.

E todos foram carregando as suas coisas, as suas crianças, os seus xerimbabos.

Na maloca só ficou a velha Boreá.

Pedi que a levassem carregada, porque era muito velha e não podia mais andar.

— Não posso, porque tenho de levar meu filho.

— Não posso, porque vou levar meus arcos e minhas flechas.

— Não posso, porque vou levar minha arara.

Assim respondiam todos.

Deixaram a Velha Boreá sòzinha, na maloca abandonada, com a Curica, que era o xerimbabo dela. E fugiram.

As onças (Pereté e a mulher) foram no rastro dêles e os acharam.

Todos os dias iam à maloca dos Cauaiua. Matavam um homem. Uma criança.

E levavam os mortos para a Velha Boreá.

— Está aqui, minha avó, mais comida para nós.

Pereté falava assim.

E no outro dia trazia mais gente morta.

Trouxe todos os parentes de Jataí.

E um dia trouxe a neta da Velha Boreá.

A Velha perguntou:

— Por que mataram a minha neta?

— Não sabíamos que era tua netinha. Corpo dela é bom para comer. Está gordinho.

A Velha pensou:

— Amanhã êses malvados matam meu filho, minha nora e meus netinhos. Vou me vingar.

Mandou a Curica à maloca espiar se ainda havia muita gente.

A Curica conversara com a Velha. Por isso foi depressa. E voltou logo.

— Já tem poucos Cauaiua, informou.

A Velha Boreá foi pegar um sapo-cururu. Passou *timbó-pocu* nas costas do Sapo até ficarem espêssas. E escorreu a gosma numa grande cuia cheia d'água.

Daí a pouco chegou a Onça-Mulher.

— Está aqui, minha avó, a nossa comida.

E jogou no chão o cadáver de outro Cauaiua.

— Pereté já voltou da caça?

— Não, disse a Velha. Ainda não veio.

— Ainda está arranjando mais caça para nós. Onde está a água para eu beber?

A Velha Boreá disse:

— Está na cuiá grande.

A Onça-Mulher foi beber a água. Bebeu.

Daí a pouco começou a vomitar. Vomitou muito. Caiu tonta. Como peixe n'água onde bateram timbó.

Deitou-se no chão, babando e soprando.

A Velha foi buscar um cacête e acabou de matá-la.

A Curica ficou contente. E dançou no terreiro.

Boreá arrastou a onça morta para detrás de um pau, perto da sua barraca.

Veio a Onça-Pereté e botou no chão o cadáver de mais outro Cauaiua.

— Está aqui, minha avó, mais comida para nós. Onde está minha mulher?

— Ainda não veio.

— Onde está a água para eu beber?

— Está ali na cuiá. Bebe.

A Onça-Pereté bebeu. Bebeu muito. Encheu a barriga.

Daí a pouco começou a vomitar, também, como a mulher. E rodou e pulou. Pulou muito, como peixe em água de igarapé.

Depois, deitou-se no chão.

A Velha Boreá veio e matou a Onça a cacête.

A Curica ficou contente. Cantou e dançou no terreiro.

A Velha arrancou os bigodes das onças e as unhas. Amarrou tudo no pé da Curica e disse:

— Vai contar aos Cauaiua que eu matei os *Iaguáporóguáb*. Mostra os bigodes e as unhas dêles.

A Curica voou, cantando, para a maloca.

Os Cauaiua cercaram a Curica para ouvir como Boreá matara as onças.

A Curica tudo contou.

Os Cauaiua voltaram, contentes, para a maloca abandonada.

A Curica vinha à frente dêles, dando gargalhadas e cantando.

Chegaram. E viram logo, no terreiro, a Onça-Pereté e a Onça-Mulher.

Foram buscar lenha. Fizeram uma grande fogueira. Botaram as duas onças em cima.

E cantaram e dançaram.

A Curica, também, cantou e dançou em roda da fogueira.

Da fumaça dos *Iaguáporóguáb* nasceram no céu o Caminho de Santiago e as Constelações.